

## O Grande Impacto das Pequenas Empresas

**O empreendedorismo e as pequenas empresas são essenciais à economia dos Estados Unidos e, de fato, estão integrados ao caráter nacional. A desaceleração da economia, no entanto, trouxe difíceis desafios a esse segmento de trabalho. Como as pequenas empresas irão enfrentar o ambiente atual?**

A ode aos pequenos empresários independentes tornou-se o mantra americano. "As pequenas empresas respondem pela maioria de todos os novos postos de trabalho nos Estados Unidos". "As pequenas empresas são a espinha dorsal da economia dos EUA".

Há grande parte de verdade nessas declarações. Cerca da metade de todos os americanos trabalham em pequenas empresas e, de acordo com o Presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke, as pequenas empresas respondem por cerca de 60% da média bruta da criação de empregos. Mas, como qualquer outro rótulo, "pequenas empresas" contém nuances. Para começar, analisar as pequenas empresas como um componente econômico monolítico é difícil devido à diversidade dessa classe de empresas. Tal variedade também torna difícil agrupar dados definitivos sobre pequenas empresas como grupo.

Além disso, uma recente pesquisa realizada por John Haltiwanger, economista da Universidade de Maryland, indica que empresas jovens, que tendem a ser pequenas, são a principal fonte de criação de emprego. Bernanke destacou em discurso proferido em julho que, ao longo dos últimos 20 anos, empresas recém-criadas, com menos de dois anos de existência, foram responsáveis pela criação de um quarto do total bruto de postos de trabalho, embora empreguem menos de 10% da força de trabalho do país.

Portanto, essas empresas jovens, em sua maioria pequenas, desempenharão papel vital na recuperação da economia. De acordo com pesquisa realizada por Haltiwanger, Ron Jarmin e Javier Miranda publicada em agosto "Nossas constatações destacam a importância do papel das empresas jovens e recém-criadas na geração de emprego nos Estados Unidos". "As empresas recém-criadas



contribuem de forma significativa tanto para a média bruta quanto a líquida da criação de empregos."

O tamanho tipicamente menor das novas empresas, no entanto, tem impacto direto em sua capacidade de gerar empregos. Segundo o vice-presidente e economista sênior do Fed de Atlanta, John Robertson, "O tamanho importa principalmente para sua sobrevivência, as empresas jovens não só crescem mais rapidamente que empresas mais antigas, como também tendem a ser menores".

### **Esmagadas pela recessão**

Assim como o restante da economia, as pequenas empresas sentiram o golpe da recessão e da crise financeira. Na maioria das vezes, as pequenas empresas não têm o reforço financeiro, nem as oportunidades de expansão global como o das grandes empresas. A cautela e o crescimento limitado daí decorrentes significam que a energia das pequenas empresas para gerar empregos - que poderia ajudar na recuperação da economia - foi neutralizada.

"Se as pequenas e - o mais importante - jovens são importante instrumento de geração de emprego e não estão crescendo, isso significa uma recuperação mais lenta", afirmou Paula Tkac, vice-presidente adjunto e economista sênior do Fed de Atlanta.

A observação de que uma recessão severa resultaria em um menor número de novas empresas pode parecer óbvia. De fato, de acordo com pesquisa, sobre pequenas empresas, apresentada em outubro na conferência do Fed de Atlanta, a crise financeira e a recessão subsequente causaram efeitos contraditórios sobre a constituição de empresas. Conforme seria de se esperar, o número de novas empresas constituídas formalmente caiu, especialmente nos países ricos e naqueles que sofreram mais intensamente com a crise financeira.

"Eu me surpreendi com a rápida e brusca queda no número de novas empresas" afirmou Leora Klapper, economista sênior do Banco Mundial que apresentou na conferência o documento intitulado "O Impacto da Crise Financeira na Criação de Novas Empresas".

No entanto, o estudo de Klapper e da sua colega, economista sênior do Banco Mundial, Inessa Love, não levou em conta empresas mais informais, unipessoais. De fato, de acordo com o documento "A Grande Recessão e o Empreendedorismo" de Robert W. Fairlie, economista da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, o número de pessoas que foram trabalhar por conta própria depois de perderem o emprego durante a recessão, aumentou. Os assim chamados "empreendedores por necessidade" tendem a iniciar suas atividades - tais como serviço de baby-sitter e jardinagem - que podem não ser formalmente organizados e muito pouco provavelmente darão emprego a muitas pessoas ou mesmo a apenas uma. Fairlie destaca que a incidência do empreendedorismo por necessidade é mais frequente em áreas metropolitanas, nas quais o número de desempregados é maior.

Segundo Fairlie "as pessoas que tem menos oportunidades no mercado de trabalho estão reagindo a isso [nível de desemprego] iniciando negócios".

Independentemente do tamanho ou da complexidade, os empresários de pequenas empresas tem enfrentado muitos desafios, alguns óbvios, outros nem tanto. Enfrentar qualquer conjunto de desafios comerciais é o maior dos dilemas cíclicos na criação de empregos do país há mais de 60 anos. Os Estados Unidos perderam mais de 8 milhões de empregos desde dezembro de 2007. Em

meio a uma recessão econômica, os consumidores e as empresas têm, em geral, cortando gastos, reduzindo no geral a demanda por mercadorias e serviços tanto das pequenas, quanto das grandes empresas.

### **Os Bancos enrijecem as normas, controlam o crédito**

Nesse meio tempo, durante 2009 e início de 2010, muitos bancos enrijeceram as normas para concessão de crédito a pequenas empresas, dificultando para elas obterem financiamento. De acordo com os dados do *Bureau of Labor Statistics* dos EUA, citados pelos pesquisadores do Federal Reserve Bank de Boston, os empréstimos concedidos a pequenas empresas por bancos comerciais caíram mais de US\$40 bilhões entre o segundo trimestre de 2008 e o segundo trimestre de 2010. (Vale notar ainda que, com a queda das vendas durante a recessão, a demanda por empréstimos caiu).

Com os empréstimos a pequenas empresas permanecendo próximos à baixa recorde, menos de um terço delas situadas na região sudeste informaram a tomada regular de empréstimos durante o terceiro trimestre de 2010 e, de acordo com o relatório de setembro do Fed de Atlanta, sobre *Tendências das Pequenas Empresas*, "não foi uma surpresa, dada à persistente ênfase no corte de custos e na redução dos gastos de capital. Segundo tal relatório, "os empréstimos que ainda ocorrem tendem mais a ter a finalidade de regularizar o fluxo de caixa do que a de financiar a expansão ou contratação. "



Outras dificuldades enfrentadas pelos empreendedores são menos aparentes: o patrimônio do grupo familiar, por exemplo. De acordo com a pesquisa apresentada por William Gartner - professor de liderança empresarial na Universidade Clemson - na conferência sobre pequenas empresas do Fed de Atlanta, uma grande maioria de novas empresas é financiada por seus próprios sócios. De acordo com dados citados por Gartner, em 2005 e 2006, cerca de 82,5% dos empreendedores contaram principalmente com seus próprios aportes de capital para iniciar seus negócios.

Segundo dados do Federal Reserve, o total de ativos dos grupos familiares e sem fins lucrativos dos EUA caíram US\$11,2 trilhões ou 14% entre o final de 2007 e o segundo trimestre de 2010. A acentuada queda no valor dos imóveis residenciais justifica grande parte dessa perda patrimonial. De acordo com as Contas de Fluxo de Recursos dos Estados Unidos elaboradas pelo Fed, no segundo trimestre de 2010, a participação dos proprietários americanos nos imóveis residenciais era de US\$6,2 trilhões, ou 47%, mais baixa do que em 2005, mesmo depois de se recuperar de uma depressão no início de 2009. Fairlie destacou que essa queda na participação nos imóveis

residenciais enfraqueceu uma importante fonte de financiamento para os empreendedores.

Essa queda no patrimônio do grupo familiar também teve outro efeito. Segundo Fairlie o patrimônio pessoal não é apenas uma fonte direta de financiamento de novos negócios, mas também normalmente utilizado como garantia para a obtenção de empréstimos para as empresas. Os levantamentos realizados pelo Fed de Atlanta junto a pequenos empresários reforçam esse ponto. De acordo com o levantamento sobre pequenas empresas realizado pelo Fed de Atlanta no segundo trimestre, para as empresas com menos de quatro anos de existência a perda do patrimônio pessoal do sócio, incluindo seu imóvel residencial e outros ativos, foi o principal obstáculo para o acesso ao crédito.

### **Uma pontinha de esperança?**

Entrando em 2011, mesmo em meio a esse grande desalento, começam a surgir sinais de otimismo para as pequenas empresas. O levantamento realizado pelo Fed de Atlanta no segundo trimestre junto a 432 pequenos empresários da região sudeste indica que a disponibilidade de crédito parece estar melhorando. Além disso, mais da metade dos entrevistados disseram esperar que suas vendas aumentem nos próximos seis meses. Somente 14% dos entrevistados disseram ter tido crédito negado, porcentagem essa, mais baixa do que a taxa de 40% verificada no levantamento feito no primeiro trimestre de 2010.

Por outro lado, muito mais ofertas de crédito foram recusadas por tomadores, sugerindo que mais pedidos estão sendo aprovados, porém não em termos aceitáveis pelas as empresas. De acordo com os resultados preliminares dos levantamentos feitos pelo Fed de Atlanta junto a pequenas empresas no terceiro trimestre, essa dinâmica - um número maior de pequenas empresas encontrando crédito disponível, mas não nas condições que gostariam - parece continuar. Além disso, os levantamentos realizados pelo diretor sênior de crédito do Fed demonstram que no terceiro trimestre de 2010 o percentual de instituições financeiras que continuam mantendo normas rígidas para concessão de crédito estava caindo, comparado à proporção tanto daquelas que afrouxam tais termos, quanto aquelas que os mantêm inalterados.

Segundo Tkac, esses resultados não sugerem que a obtenção de crédito seja fácil, mas que está disponível para pequenas empresas em boa situação. "Eu acho que a situação está ficando um pouco melhor", afirmou ela.

Nacionalmente, o otimismo das pequenas empresas aumentou em setembro. O índice de otimismo nas pequenas empresas da Federação Nacional das Empresas Independentes estava mais alto do que em sua recente baixa durante o final de 2009, mas ainda bem abaixo dos níveis de antes da crise financeira e da recessão. Em uma outra pontinha de esperança, o emprego em pequenas empresas da região sudeste subiu em outubro de 2010. De acordo com o índice *Intuit* de emprego em pequenas empresas, o nível de emprego nas pequenas empresas da Flórida e da Geórgia aumentou 0,3% e 0,2%, respectivamente.

Um rápido ressurgimento das pequenas e jovens empresas não parece provável, mas esse importante instrumento de criação de empregos poderá desempenhar papel crucial na redução da insistentemente alta taxa de desemprego nos Estados Unidos. Por esse motivo, o Fed de Atlanta retomou seu foco na pesquisa de pequenas empresas, tanto em níveis de base, quanto em níveis mais intelectualizados e criou o site *Small Business Focus* [Foco nas Pequenas Empresas] em [fbratlanta.org/research/smallbusiness/](http://fbratlanta.org/research/smallbusiness/). O boletim informativo *Small Business Trends* [Tendências

das Pequenas Empresas], as duas dúzias de documentos de pesquisa apresentados na conferência sobre pequenas empresas realizada em outubro e outros recursos estão disponíveis nesse site.

*Este artigo foi escrito por Charles Davidson, escritor da equipe da EconSouth.*